

# A tragédia do Haiti: a farsa da nova intervenção

---

JOÃO PAULO URBANO

No dia 25 de junho de 2024, o último contingente de 200 policiais quenianos aterrissou no aeroporto de Porto Príncipe para dar início a uma nova intervenção militar estrangeira no Haiti (Brasil de Fato, 2024). Ao todo, são 2.500 agentes policiais de diversos países que iniciarão a Missão Multinacional de Apoio à Segurança (MMS), liderada pelo Quênia (Brasil, 2024). Quase 20 anos separam a MMS do início da Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (MINUSTAH), missão que, mesmo após 13 anos em solo haitiano, não conseguiu atingir os objetivos desejados pela ONU.

Em 2004, quando a MINUSTAH iniciou seus trabalhos, os objetivos eram basicamente os mesmos da missão atual: estabilizar o país, conter o avanço das gangues e realizar eleições livres e democráticas. No entanto, a MINUSTAH alcançou resultados bastante diferentes. Entre os feitos mais destacados da missão, estão as milhares de vítimas da cólera trazida pelos soldados estrangeiros e a permanência da instabilidade política no país. Além disso, ocorreram milhares de mortes resultantes de massacres cometidos pelos militares e milhares de casos de abusos sexuais envolvendo mulheres e crianças haitianas (Silva, 2017).

Com um saldo tão negativo, era de se esperar que uma nova intervenção centrada apenas no envio de forças policiais fosse vista como uma política a ser evitada. No entanto, o Conselho de Segurança da ONU aprovou novamente o envio de tropas policiais em mais uma conjuntura de instabilidade política e crise social no Haiti. Dessa forma, não seria um exagero afirmar que a nova missão tende a repetir o fracasso das intervenções anteriores. É preciso entender, então, quais foram os motivos do fracasso da MINUSTAH e de que forma a MMS pode caminhar para repetir o rastro de violência deixado pela primeira.

## Erros e limites da MINUSTAH

Depois de anos de ocupação estrangeira e uso deliberado da força no Haiti, o fracasso da MINUSTAH traz uma importante lição: o problema do Haiti não será resolvido por agentes de segurança em conflitos militares com as gangues locais. Segundo Cortinhas e Godoy (2024), a ideia de que o Haiti estava prestes a entrar em uma guerra civil foi uma das justificativas utilizadas pelas Forças Armadas Brasileiras para aderir ao comando da missão e um dos fatores que condicionaram a urgência do envio de tropas para o país. Entretanto, essa justificativa buscou se afirmar apenas no campo retórico, sem dados expressivos que demonstrassem a iminência de uma guerra civil em território haitiano.

Segundo os autores, ao comparar as taxas de homicídios intencionais no Brasil e no Haiti, as taxas brasileiras chegavam a ser até três vezes superiores às haitianas (Godoy; Cortinhas, 2024). Se compararmos com as taxas da Colômbia, um país historicamente violento, essas taxas chegam a ser quase cinco vezes maiores (Countryeconomy, 2024). Na verdade, as taxas de homicídios no Haiti estavam abaixo da média dos países da América Central e da América do Sul (Pina, 2019). De toda forma, o que se observou foi que a narrativa de violência iminente foi e é amplamente utilizada para justificar a intervenção e o consequente uso da força. Entretanto, segundo os mesmos dados, a MINUSTAH pouco contribuiu para diminuir as taxas de homicídios no país, que chegaram a aumentar durante o período da ocupação.

Esse aumento da violência pode ser explicado como uma resposta ao uso desproporcional da força pelas tropas brasileiras. O "Massacre de Cité Soleil", como ficou conhecida a Operação Punho de Ferro, ocorrida na maior favela haitiana, ilustra bem o tipo de atuação das Forças Armadas brasileiras no Haiti. A operação tinha por objetivo abater um líder de gangue local e, para isso, foram disparadas 22.700 balas em um período de 7 horas consecutivas, segundo relatório da própria ONU (Haitiaction, 2005). O líder da gangue em questão foi executado, mas, com ele, dezenas de inocentes, entre eles mulheres grávidas e crianças, foram abatidas (Malick, 2018). A "Punho de Ferro", longe de ser um fato isolado, se enquadra num cenário ampliado em que a norma das práticas militares, era a utilização de violência contra a própria população. Os milhares de estupros e os surtos de cólera são prova de como a MINUSTAH, na contramão de

seus objetivos, colaborou com a situação catastrófica do Haiti.

Por outro lado, questões sociais referentes às condições de vida da população foram pouco visadas pela missão de paz. A grande insegurança alimentar e sanitária que permeia o país não recebeu a atenção devida por parte do comando militar e se soma historicamente como um fator de crise no Haiti. Após o terremoto de 2010, a já precária situação de distribuição de água se tornou ainda pior, e pouco foi feito para alterar essa situação. Em 2015, segundo dados da ONU, apenas um quarto da população tinha acesso a água potável. (Aguiar, 2015). Atualmente, as condições de vida têm se tornado cada vez piores. Em dados de 2022, cerca de 26 milhões de pessoas passam fome sem nenhuma perspectiva de mudança (Núcleo de notícias da ONU, 2022).

As precárias condições de vida da população corroboram com um quadro de aumento da criminalidade, um fenômeno bastante conhecido no Brasil (Rede Brasil Atual, 2024). Em um contexto sem alternativas dignas para a população, a entrada de um jovem para as gangues surge como uma possibilidade, mesmo que por meio da violência, de se acessar recursos básicos de vida. Todavia, é preciso entender a violência como um dos sintomas de uma crise histórica e não como a raiz de todos os problemas. Uma ocupação como a MINUSTAH, que fracassou em atingir seus objetivos finais, nos mostra que o problema haitiano demandará um tipo de esforço diferente do que foi implantado. Missões militarizadas, que focam no combate armado e deixem em segundo plano as questões sociais e econômicas da população, podem na prática aprofundar o ciclo de violência que prometiam combater.

## A MMS e o Quênia: o que esperar de uma nova intervenção?

Sete anos após o fim da MINUSTAH, novas tropas policiais chegam ao Haiti para conter a violência das gangues em uma nova missão internacional, desta vez liderada pelo Quênia. Chama a atenção, entretanto, a repetição da mesma fórmula: o foco estritamente militar visando o combate às gangues. A missão se sucederá com o envio de forças policiais que reforçarão a pequena polícia haitiana

repetindo a mesma estratégia visando a retomada da ordem no país. Partindo desse ponto, muitos problemas dessa nova intervenção saltam aos olhos.

O primeiro problema que chamou a atenção da comunidade internacional foi o histórico de violência policial existente no Quênia. Na mesma semana em que agentes policiais desembarcaram no Haiti, em Nairobi, capital do país, policiais quenianos dispersaram um protesto da população com tiros à queima-roupa. O cenário atual é aterrorizador e a repressão queniana já ocasionou ao menos 22 mortes. Manifestantes que seguem lutando contra o atual governo do país criticam a ida dos policiais para o Haiti, já que esses mesmos agentes frequentemente entram em conflitos violentos contra a própria população (Brasil de Fato, 2024). Torna-se óbvia a contradição existente na nova missão de paz. Os agentes que estão sendo enviados para liderar a pacificação do Haiti, não respeitam os direitos humanos em seu próprio país e estão sendo enviados para pacificar um território estrangeiro.

É preocupante que as tropas quenianas já sejam reconhecidas por sua periculosidade. O risco de novas violações de direitos humanos é um fator alarmante no calamitoso cenário haitiano. É possível, portanto, que a mesma lógica que prevaleceu na MINUSTAH se repita na nova missão. As tropas brasileiras, também conhecidas por sua violência desmedida no plano doméstico, repetiram seu violento *modus operandi* agora em território estrangeiro. Mesmo com os discursos inflamados à época de que “a MINUSTAH seria diferente” e de que o “brazilian way of peacing” privilegiaria o diálogo em vez da força, na realidade a prática foi bem diferente (Godoy; Cortinhas, 2024).

Partindo da premissa que caso se repita os passos da MINUSTAH, a missão fracassará, é preciso perguntar: o que novas forças policiais poderão fazer para pacificar o Haiti? O cenário atual é muito pior do que nos anos da MINUSTAH. A violência aumentou de forma desenfreada, e as gangues tomaram o controle de 80% de Porto Príncipe. As condições sociais estão em claro processo de deterioração. Supondo que as tropas quenianas consigam conter o avanço das gangues e desestabilizar essas facções pelo território, as condições desumanas em que se encontra a população haitiana ainda persistirão. Ao que tudo indica, missões que continuem focando apenas na parte policial, ignorando outros fatores socioeconômicos, tenderão a fracassar retumbantes.

Na prática, é de se esperar que pouco resultado imediato seja alcançado em relação à contenção da violência nas ruas. A polícia queniana chega completamente despreparada para lidar com as adversidades da conjuntura haitiana. O esforço da MINUSTAH em desenvolver uma estratégia para operacionalizar a missão no Haiti foi um processo lento e demorado, construído ao longo dos primeiros anos da missão. A polícia queniana terá que enfrentar situações muito mais desafiadoras, começando praticamente do zero no estudo e desenvolvimento de estratégias militares para promover o restabelecimento da ordem.

Além disso, um fator de extrema importância é a desconfiança que a população haitiana terá em relação a uma nova intervenção em seu território. Os traumas deixados pela MINUSTAH ainda estão presentes. Estudos recentes revelam quase 300 casos de crianças nascidas como resultado dos abusos sexuais cometidos pelos soldados da missão, ou, na maioria dos casos, decorrentes de relações sexuais que envolviam troca de dinheiro ou comida (Malick, 2019). A população haitiana já demonstrou várias vezes que rejeita a ocupação em seu território e vê com maus olhos intervenções que não consideram a agência da população local e aprofundam o ciclo de violência. A MMS enfrentará um grande desafio se quiser convencer os haitianos de que virão para o bem e não repetirão os erros do passado.

## Os Fantasmas da História

Uma série de problemas de diversas dimensões se somam para dificultar que a MMS, conforme está sendo concebida, seja bem-sucedida em seus objetivos. A MINUSTAH poderia ter oferecido valiosas lições, caso houvesse um interesse real em estabelecer a paz no Haiti. Infelizmente, o que se vê é a continuidade de um ciclo de violência e sofrimento em que os haitianos são as principais vítimas. Ignorar fatores cruciais, como a realidade socioeconômica dos haitianos, onde a falta de comida e água são problemas graves, revela a inadequação de uma força policial focada apenas no combate armado.

A ausência de participação da população local na tomada de decisões sobre intervenções estrangeiras em seu país também destaca a persistência de uma postura

hierárquica e colonial no sistema internacional. Ao que tudo indica, estamos longe de alcançar a estabilidade no Haiti e de encerrar, de vez, esse ciclo de violência. Como Marx disse em sua famosa citação, a história se repete a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa. Se a MINUSTAH foi uma tragédia, a MSS não passa de uma farsa de mau gosto.

# Referências

---

AGUIAR, Ana Graziela. Acesso à água segue como desafio para reconstrução. **Agência Brasil**, 21 jan. 2015. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/internacional/audio/2015-01/acesso-agua-segue-como-desafio-para-reconstrucao>. Acesso em: 25 jul. 2024.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Envio de Missão Multinacional ao Haiti**. 22 jun. 2024. Disponível em: [https://www.gov.br/mre/pt-br/canais\\_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/envio-de-missao-multinacional-ao-haiti](https://www.gov.br/mre/pt-br/canais_atendimento/imprensa/notas-a-imprensa/envio-de-missao-multinacional-ao-haiti). Acesso em: 25 jul. 2024.

CORTINHAS, Juliano da Silva; GODOY, Gabriel Gualano. Dimensões da atuação internacional do Brasil: repercussões políticas, jurídicas, econômicas e sociais da participação brasileira na MINUSTAH. In: MASCHIETTO, Roberta Holanda; FERREIRA, Marcos (orgs.). **Estudos para a Paz: perspectivas brasileiras**. 1. ed. São Paulo: Editora Blimunda, 2024.

COUNTRYECONOMY. **Colômbia - Homicídios Intencionais**. 2024. Disponível em: <https://pt.countryeconomy.com/demografia/homicidios/colombia>. Acesso em: 25 jul. 2024.

EVIDENCE mounts of a UN massacre in Haiti. **Haiti Action**, 12 jul. 2005. Disponível em: [https://haitiaction.net/News/HIP/7\\_12\\_5.html](https://haitiaction.net/News/HIP/7_12_5.html). Acesso em: 25 jul. 2024.

HAITI recebe tropas do Quênia em meio a protestos que já deixaram 22 mortos no país africano. **Brasil de Fato**. 26 jun. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/06/26/haiti-recebe-tropas-do-kenia-em-meio-a-protestos-que-ja-deixaram-22-mortos-no-pais-africano>. Acesso em: 25 jul. 2024.

HAITI registra níveis catastróficos de fome pela primeira vez. **News UN**, 25 out. 2022. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/10/180376>. Acesso em: 03 jul 2024.

MALICK, L. Sent to Haiti to keep the peace: departing UN troops leave a damaged nation in their wake. **The Conversation**, 25 jan. 2018. Disponível em: <https://theconversation.com/sent-to-haiti-to-keep-the-peace-departing-un-troops-leave-a-damaged-nation-in-their-wake-85584>. Acesso em: 25 jul. 2024.

LEE, Sabine; BARTELS, Susane. They put a few coins in your hands to drop a baby in you: 265 stories of Haitian children abandoned by UN fathers. **The Conversation**, 25 jan. 2019. Disponível em: <https://theconversation.com/they-put-a-few-coins-in-your-hands-to-drop-a-baby-in-you-265-stories-of-haitian-children-abandoned-by-un-fathers-114854>. Acesso em:

## Referências

---

25 jul. 2024.

PESQUISA aponta que jovens entram cada vez mais cedo no tráfico de drogas. **Rede Brasil Atual**, 24 jul. 2024. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/pesquisa-aponta-que-jovens-entram-cada-vez-mais-cedo-no-trafico-de-drogas/#:~:text=O%20principal%20motivo%20citado%20para,entre%20as%20raz%C3%B5es%20mais%20citadas>. Acesso em: 25 jul. 2024.

SILVA, Vanessa Martina. Estupros, cólera e 30 mil mortos: conheça o legado da Minustah no Haiti. **Brasil de Fato**, 1 set. 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/09/01/estupros-colera-e-30-mil-mortos-conheca-o-legado-da-minustah-no-haiti>. Acesso em: 25 jul. 2024.